

EXPOSIÇÃO

SELEÇÃO E COORDENAÇÃO
Helder Folgado

PROJETO
Silvestre Pestana

PRODUÇÃO
CMF – Teatro Municipal Baltazar Dias

CO-PRODUÇÃO
ArtWorks:
Produção de obra Blue Light
Apoio à produção e montagem

MONTAGEM
Silvestre Pestana
Celeste Cerqueira
Carlos Arteiro
Helder Folgado
Paulo Freitas
Sara Canavozes

SOM
Pedro Pestana

TEXTO
Sérgio Mah

CONCEÇÃO GRÁFICA
Sónia Câmara

AGRADECIMENTOS
Celeste Cerqueira
António Dantas
João Almeida
José Miguel Pinto
Marin Fernandes
Juan Abreu
Fundação de Serralves

BLUE LIGHT

SILVESTRE PESTANA

COM A PARTICIPAÇÃO DE PEDRO PESTANA - TRIBUTO A FRACTAL TREES

TEATRO MUNICIPAL BALTAZAR DIAS 10:00
17:00H SALÃO NOBRE
24.11.2020 | 20.02.2021

BLUE LIGHT

SILVESTRE PESTANA

COM A PARTICIPAÇÃO DE PEDRO PESTANA - TRIBUTO A FRACTAL TREES

Desde o final da década de 1960 que a prática artística de Silvestre Pestana se tem distinguido pelo modo idiossincrático e radical como aglutina e sobrepõe um leque muito diversificado de disciplinas, géneros e temáticas: da poesia concreta à performance, das artes visuais às questões emergentes em torno da tecnologia, da fenomenologia do corpo à vocação crítica e pública da arte. A sua obra é reveladora de uma mistura peculiar entre espontaneidade e conceptualismo, experimentação e erudição, predisposições de uma atitude artística que nunca se deixou enredar ou domesticar por categorias e por intenções prévias, fruto de uma postura sempre disponível para se surpreender, mediante um jogo criativo que implica experiência e descoberta.

É sobretudo a partir do início dos anos de 1980, que a luz, como meio, mas também como material plástico e poético, passa a ocupar um lugar privilegiado no imaginário artístico de Silvestre Pestana. Destaca-se neste período o uso do néon, como elemento manuseável por um corpo que enuncia gestos expressivos e gráficos, mas que ao mesmo tempo permitiam introduzir uma fisicalidade luminescente, irradiante e elétrica. Como elemento industrial, frequentemente valorizado pelas suas faculdades decorativas e comunicacionais, o néon é reconvertido pelo artista de modo explorar as suas possibilidades de modelação, despertando formas alternativas de experimentar a prática do desenho e da escultura.

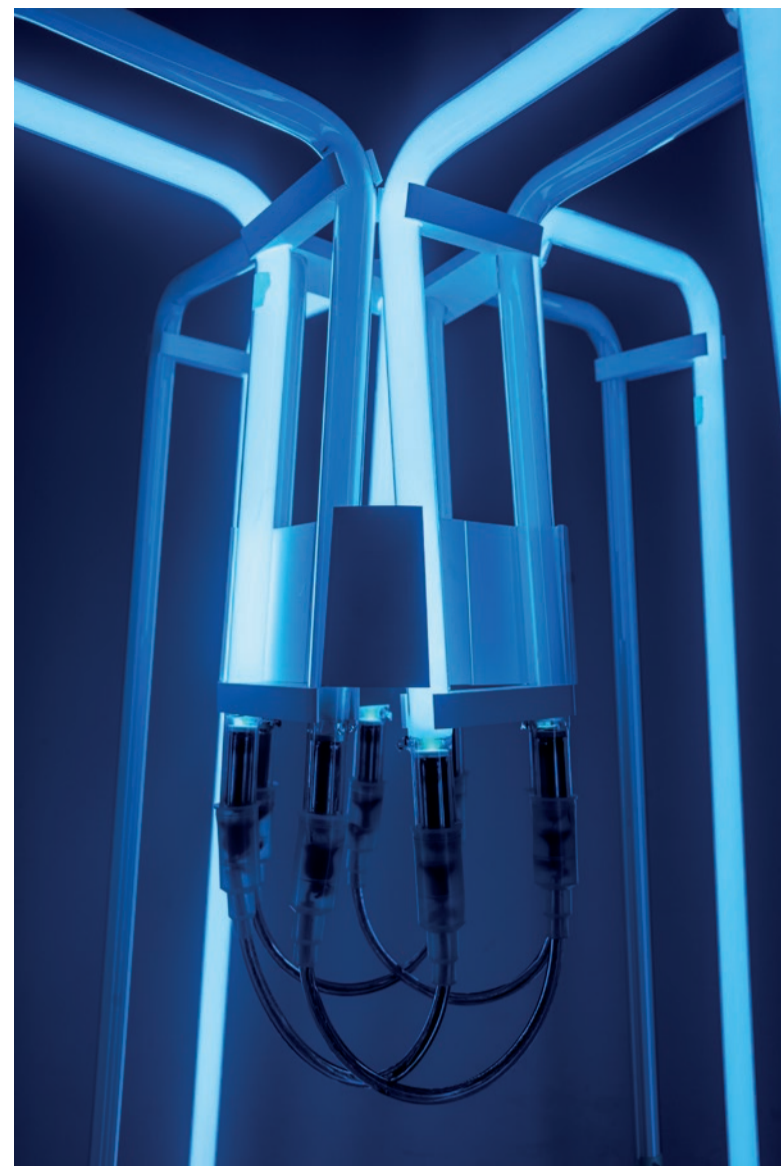
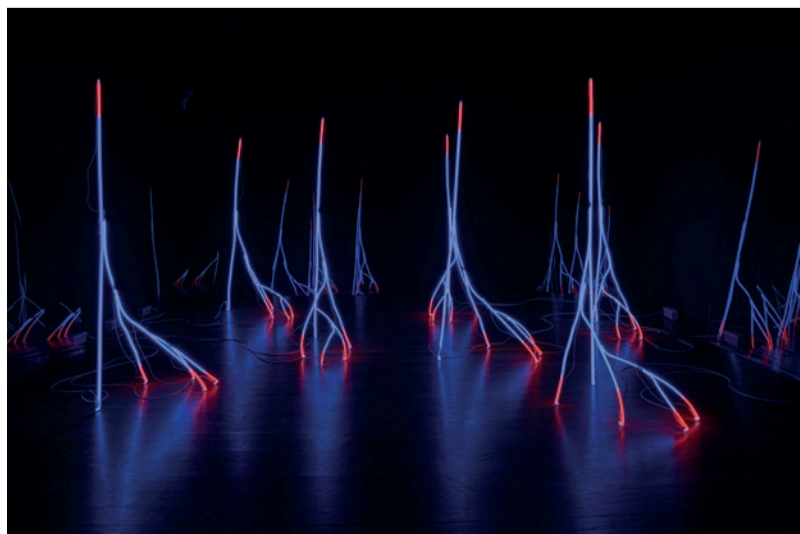
As duas peças que integram esta exposição, Fractal Tree (2013) e Blue Light (2020), derivam desse eixo de motivações. Fractal Tree desenvolveu-se a partir de uma reflexão sobre uma figura da geometria não clássica muito encontrada na natureza, e que se tornou um dos tópicos centrais da matemática desde os estudos de Benoît Mandelbrot na década de 1970. A instalação é composta por sete conjuntos, em que cada conjunto é constituído por cinco hastes em vidro tubular modelado, de dimensões variáveis, repleto de argon, gás que uma vez ativado age sobre o pó metálico aderente às paredes interiores do tubo de vidro para gerar a cor ciano e a cor salmão. O artista manipula a ductilidade das hastes em vidro de modo a compor uma estrutura de formas que garante o equilíbrio vertical do conjunto.

Por seu turno, Blue light é constituída por um só conjunto de oito hastes de vidro modulado e autoportante, igualmente carregado de argon, mas que neste caso apresenta as frequências do ciano e do branco. Nesta instalação, a introdução no circuito geral elétrico de dois variadores de tensão, que se alternam em loop, permite produzir alterações lumínicas e tonais.

Ambas as obras se distinguem pela luz que propagam, uma luz inebriante, física e corpórea, que parece absorver tudo – textura, materialidade, densidade. A cuidada disposição espacial destes objetos emissores contribui para reconfigurar a área expositiva, que assume um ambiente simultaneamente aquático e artificial, um lugar que desafia a imaginação e as sensações do espectador, e que confirmam as persistentes preocupações de Silvestre Pestana em indagar outras vias de articulação estética e poética entre corpo, perceção visual e mediação tecnológica.

SÉRGIO MAH

SILVESTRE PESTANA — FRACTAL TREES, 2003. ARGON MODELADO E VIDRO. DIMENSÕES VARIÁVEIS. COL. ARTISTA
VISTA DA EXPOSIÇÃO "SILVESTRE PESTANA: TECNIFORMA", FUNDAÇÃO DE SERRALVES - MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA, PORTO, 26 DE MAIO A 25 DE SETEMBRO DE 2016.
FOTO © FILIPE BRAGA



SILVESTRE PESTANA - BLUE LIGHT, 2020. 8 ASTES DE ARGON, TRANSFORMADORES, CABOS ELÉTRICOS, 102 X 100 X 100 CM. COL. ARTWORKS

SILVESTRE PESTANA

(Funchal 1949) é licenciado em Artes Gráficas e Design pela ESBAP, mestre em Ensino de Arte e Design pela De Montford University. Foi professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra. Estudou Televisão e Música Electrónica na Universidade de Estocolmo.

A sua obra impõe-se pela radicalidade das intervenções que, desde o primeiro momento, se apoiam num intencional hibridismo resultante do jogo e permutação entre signos linguísticos e signos não linguísticos. A contaminação que, nos anos 1960 e 70, deriva da utilização de material gráfico diverso, passará a encontrar, nos anos 80, um apoio na utilização do vídeo e dos meios informáticos. A este nível, pode dizer-se que a sua poesia para computador abriu novos rumos à poesia experimental. Misturando frequentemente, e de um modo intencional, questões relacionadas com a materialidade e a mediação, na sua obra os procedimentos baseados em sistemas digitais aparecem misturados com a representação de carácter analógica. Os seus trabalhos recentes, no âmbito da performance, em espaços reais ou virtuais como o Second Life, são fundamentais para aferir o modo como as práticas experimentalistas interferem com as práticas sociais em que se articulam.

Obras principais > Algumas das suas exposições individuais incluem: Acrilic Kunst, Galeria K, Estocolmo (1972); Poema / Ovo, Galeria C.A.P.C. (1977); As Ilhas Desertas, Galeria Árvore (1979); Radiologias, Galeria C.A.P.C. (1980); Bio-Virtual, Galeria Árvore (1984); Bio-Virtual, Galeria Leo (1984). É autor dos vídeos: Ave (1976); Mater (1978); Vi deo poemas (1979); Óvulo (1979); A Computer Story (1979); Necro-Eco (1979); Crosnosgrafias (1979); Pirâmide (1979); Homeostasis (1980); Geo-Psico-Verso (1980); Bio-Virtual (1983). Autor, nos anos 80, de poemas programados para ZX81, ZX82 e, posteriormente, em versão cromática para Spectrum, intitulados Computer poetry. Realizou pautas poético-gráficas musicais para Anar Band (Rui Reininho e Jorge Lima Barreto, 1977) e publicou o livro/catálogo de exposição Águas Vivas (Galerias Alvarez, 2002). Organizou com Fernando Aguiar Poemografias (Livro e Exposição itinerante de Poesia Visual, em 1985), co-organizou What is Watt? (desde 2001), e participa com frequência na Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira. A sua obra foi objecto de uma exposição no ciclo Nas Escritas PO.EX (Povo Novo Virtual, 2013). Em 2019, foi distinguido com o prémio AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte).

<http://pestanasilvestre.wordpress.com>

PEDRO PESTANA

(Funchal, 1982) é um músico e designer de som radicado no Porto. Enquanto músico podem destacar-se os projectos 10 000 Russos (com João Pimenta, André Couto e Nils Meisel), Tren Go! Sound System (desde 2006, a solo) e Talea Jacta (desde 2016, com João Pais Filipe), com os quais percorre mundo promovendo os sucessivos lançamentos discográficos a cargo, sobretudo, da editora britânica Fuzz Club Records. Colaborou, entre outros, com Rafael Toral, Daniel Catarino, Jonathan Saldanha, Wendy Mulder, Julius Gabriel, Electric Moon, Radar Men From The Moon, Dreamweapon. Fundou, com Manuel Molarinho, o Um Ao Molhe - Festival Itinerante de One-Man-Bands (2015). É Mestre em Design de Som pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Foi professor assistente na Universidade da Madeira (2015) e professor na Escola Secundária Garcia de Orta (2008/09). Fez parte do colectivo artístico What is Watt? com Silvestre Pestana, António Barros, entre outros. No campo das Artes Performativas, trabalhou com Anna Stigsgaard, António Júlio e Malgorzata Sús e colabora regularmente com Paulina Almeida em diversas produções e festivais desde 2009. No Cinema, fez gravação e design de som em filmes premiados a nível nacional e internacional entre os quais se podem salientar Tebas (2008), Corrente (2008) e Estrada de Palha (2011), de Rodrigo Areias, Canned Dreams de Katja Gauriloff (2011), Mazagão – Água Que Volta de Ricardo Leite (2011) ou as animações de Paulo D'Alva, Carrotope (2013) e de Patrícia Rodrigues e Joana Nogueira, Pronto, Era Assim (2016).

PEDRO PESTANA - FRACTAL TREES (SONG FOR SILVESTRE), 2020 - ÁUDIO, 5MIN (LOOP)